

' A FOSSA "

39 Via
RS

ATENÇÃO

A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PÉTÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA À APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SCDP/SR-DPF

A FOSSA

de Ronald Rabin



CENARIO UNICO : Interior de uma maloca urbana com seus móveis e utensí-
lios os mais humildes. Numa mesma peça, conjugados o que
seria uma cozinha e quarto de família - fogareiro velho
e sujo, caixotes servindo de armário e prateleiras, uma
cama de casal coberta com uma colcha velha, e no canto
oposto um estrado menor coberto de trapos. Uma porta e
uma janela. Apesar da miséria aparente, as coisas no in-
terior da maloca deverão deverão ter uma certa ordem, po-
is Maria consegue ter alguma capricho.

.....
INÍCIO :

Duas velas na parte superior do estrado menor um jaz (mor-
ta) sendo velada uma criança, filha de Pedro e Maria. Pró-
ximos da morta, pobremente vestidos, Juca e Rosa. Separa-
dos dos demais, Pedro e Maria que estarão sentados à me-
sa, no centro do cenário. Sobre essa mesa, destaca-se uma
boneca, de tamanho grande, destas que falam, andam, tro-
cam fraldas, tomam mamadeira, etc..., enfim, estas bonecas
caríssimas. Juca e Rosa trarão na fisionomia, como Maria
e Pedro, um misto de tristeza e de revolta pela morte da
criança.

PEDRO: (batendo com o punho na mesa) - Não adianta nada mesmo ! Não adi-
anta nada !

MARIA: Pedro, nós temos é que ter coragem! Isso é assim mesmo e...

PEDRO: Claro que nós precisamos ter coragem! A guria tá ali, morta, ati-
rada numa cama de trapos e a gente tem que pegá, enterrá e fim! A
final, não é a única criança que morreu hoje!

MARIA | Mas a gente não pode fazer mais nada, Pedro. Ela morreu, e não a-
dianta!

PEDRO: Eu já tô curtido com a morte mulhé! O meu pai sempre dizia que a
gente tinha que ter coragem, quando meus irmão iam morrendo, um
por um, sem atendimento, como a guria aí agora! Ele tropeando o
gado pela fronteira e seus filho morrendo! Nas viagem dele não se
perdia uma vaca sequer, mas filho, perdeu quatro! Mas ele tinha
coragem: na mesa, quando a gente ansiava pela comida que não vi-

nha, com as barriga estalando de fome, ele dizia sempre:..." um dia Deus vai ajudá, e daí os último vão sê os primeiro!"

MARIA: Mas é isso mesmo, Pedro! A gente tem que ter fé em alguma coisa! E depois quem sabe lá o sofrimento que ela ia pená continuando viva, quem sebe se assim não foi melhor prá ela ?

PEDRO: Claro que foi melhor prá ela! E prá nós também!

MARIA: Porquê melhor prá nós ?

PEDRO: Porque é uma boca a menos prá passá fome com a gente. Essa não precisa tá aí, vivendo de esperança, se iludindo que um dia as coisa vão melhorá !

MARIA: Melhora sim, home! Nem tudo é mentira neste mundo! Olha...

PEDRO: Te convence mulhé: prá nós, a gatinha, a verdade não existe.'

(Ergue-se dando as costas à mulher que ampara a cabeça entre as mãos chorando baixinho. Rosa vem confortá-la. Pedro continua revoltado.) - Eu sou um home trabalhador, nunca fui vagabundo! e ando um tempão atrás de emprego. Emprego com carteira assinada , com instituto! E olhe que eu aprendia a fazê o meu nome, mas também só assiná...O que eu não tenho é profissão! E todo dia todo mundo me promete que eu vô ganhá vaga, que o emprego já é meu, que eu volte na semana que vem! Mentira! Esses dia aí, me ageitei o que deu numas roupa aí, e fui em todas essas agência de emprego aí ! Mas como eu não tô arrumado, me arrumam é merda! Elas tão aí é prá vivê da desgraça dos outro! Não adianta, depois que eu adoe cí, não posso trabalhá nas obra! E quando tem uma vaga, me pedem exame médico e pronto! Lá tá aquela desgraçada mancha nos pulmão! Não adianta eu dizê que já me tratei, que tá me faltando cumê me

lhor! Eles não me empregam e fim!

MARIA: (Tentando acalmar Pedro) - Pedro...

PEDRO: Isso é assim mesmo! Quem tem, melhor, quem não tem, rale-se!

JUCA: Deixe dona Maria! A gente precisa desabafá, e essas agência de emprego aí são mesmo a maior picaretagem que existe, e com isto ninguém se apreocupa!

PEDRO: Agora, o caderno da venda já foi cortado e a gente vive da migalha, da roupa que a Maria lava, de quando eu arrumo uns biscate!. E prá ganhá uns dinherinho eu tenho feito de tudo! Até jardim eu tenho limpado! Mas a gente anda tão mal encarado, com esses trapo de roupa suja, que nem deixam a gente entrá nos portão, prá offerecê o serviço! E os jardim estão sempre depois dos portão!(pausa)-

Eles tem medo, acham que a gente vai robá, que é ladrão....

(senta-se e depara com a boneca sobre a mesa, à sua frente. Pega-a)

- E eu sou mesmo um ladrão, agora!

JUCA: O senhor não fala isso, seu Pedro! O senhor não é ladrão!

ROSA: Claro que não, seu Pedro! O senhor só queria agradá a guria que estava doente e lhe pediu a boneca! Isso não é roubá!

MARIA: Pedro, não fala mais nisso! Tu não roubô nada!

PEDRO: Eu sei porque robei a boneca! A gente sabe que ela não falava noutra coisa, desde que ela viu lá naquela maldita loja, outro dia! Ardendo em febre, só falava na boneca. Não pedia remédio, nem comida, porque não tinha mesmo! Mas a boneca, isso ela queria! A boneca da loja grande! Mas pros outro isso não interessa! Quando me prenderam e eu expliquei pros guarda porque tinha levada boneca, eles me chamaram de vagabundo e me bateram, olha! (Abre a camisa mostrando o peito ferido de bordoadas.) (Continuando) - E depois, toda a tarde, me cuspiam na cara, me chamando de sujo!... E quando cheguei, depois que me soltaram, ela já tava morta! (Põe as mãos no rosto, como se fosse chorar.)

JUCA: (Se aproximando de Pedro)- Mas seu Pedro, quando o dono da loja soube que era prá uma menina doente, mandou lhe soltar e lhe deu a boneca de presente!

(Nesse momento os atores deverão permanecer em suas posições, estáticos, e a iluminação deverá ser como um "flash" fotográfico. Uma gravação imitando essas de programação de rádio, com entrevistas ao vivo pela cidade, caso, numa delegacia, com todo o burburinho, de fará ouvir: GRAVAÇÃO - "Repórter (no ar)- Senhoras e senhores ouvintes, estamos aqui, na oitava delegacia de polícia, registrando um fato curioso e exemplar! Um ladrão roubou uma boneca de uma loja, foi perseguida e preso pela polícia. Depois, revelou que a boneca era prá sua filha que está muito doente! Tendo conhecimento disto, o dono da loja, retirou a queixa, liberando portanto o ladrão, e ainda deu-lhe a boneca de presente. Um gesto nobre, da mais alta... Mas vejam, quem se aproxima, é o dono da loja, o benemérito! Vamos entrevistá-lo! Senhor, Senhor! Por favor, os ouvintes gostariam de conhecê-lo, após o seu nobre gesto! Algumas palavras!

DONO DA LOJA: - Olhem, a minha loja fica na rua Rosário, número 530.' Rua

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 50820-025



Rosário, 530! Estamos em liquidação! Estamos em liquidação!"

(Fim da gravação)

(Os atores voltam a se mover.)

- ROSA: Ele devia é ter dado um emprego. E mandado um médico! Daí ela não tinha morrido!
- PEDRO: E remédios, porque eles não me mandaram remédios, quando eu pedi?
- JUCA: Ora, porque ninguém presta!
(Neste momento, entrará o Padre. Desageitadamente, serimonioso)
- PADRE: Me avisaram que ouve um falecimento por aqui, e eu vim para ajudar...
- PEDRO: O Senhor chegou tarde, Padre! Muitos anos Tarde! A morta já tava encomendada desde que nasceu!
- MARIA: (Aproximando-se do Padre) - O senhor desculpe, Padre, mas o velho sofreu tudo com tudo isto! E ela tava ruim, a gente mandou lhe chamar, mas o senhor só veio agora....
- PADRE: Eu não estava na Igreja quando me chamaram pela primeira vez. Somente agora é que me avisaram que tinha morrido gente aqui.
- PEDRO: (Para Juca) - De certo ele tava em algumchá por aí, ao invés de estar na igreja! Padre só anda em cházinho, festinha e não sei mais o quê! E a criança morreu sem batismo!
- PADRE: Sem batismo ?
- PEDRO: E daí! Nem registro ela tinha mesmo....
- MARIA: E sem médico também. Ninguém veio atendê a guria! A gente foi nes tes posto aí, mas não veio ninguém...eu, batizei ela antes de morrer, à minha moda, mas... não sei se vale, Padre.
- PADRE: Fez muito bem, dona Maria. A senhora fez muito bem !
- PEDRO: E o que é que vai adiantá? O batismo vai fazê a guria vivê de novo ?
- PADRE: O senhor devia se acalmar, seu Pedro. Eu vim aqui para ajudar! E se quer saber, eu não estava na igreja naquela hora, porque estava ajudando outros em outro lugar. E o senhor sabe muito que em paróquia pobre que nem a nossa aqui da vila, a gente não faz chá de expécie alguma! A miséria é tanta, que aqui, o padre tem que ser médico, enfermeiro, tudo! Até operário!
- ROSA: (Debochando) - Bem, até que isso é verdade! O padre até que tem ajudado a gente mesmo! Sabem: um dia desses ele me chamou lá na Igreja, e venho com aquela ladainha que eu devia largar da vida, que isso é pecado e não sei mais o que....





PADRE: Rosa! Eu o fiz na melhor das intenções!

JUCA: Intenção não resolve, padre! Não cola! De intenção, já andamo com o saco cheio!

PEDRO: Eu sei é duma coisa: Padre ou não padre, religião ou não religião, ninguém vai trazê a gurria de volta!

(O Padre lastima com um gesto com a cabeça e aproxima-se da morta, descobrindo-lhe o rosto.)

PADRE: Uma criança! Porque sempre tem que ser uma criança? (Depois, com vida com um gesto para que todos se aproximem. Maria, acompanhada por Rosa e Juca, contrafeitos, aproximam-se e em voz baixa, acompanham o padre numa oração. Pedro permanece imóvel.)

PEDRO: Uma criança! Quantas criança morreram hoje por aí? Quantas? Nas terras seca, nas enchente, na sujeira das pontes e das malocas? E a gente reza! E reza, e pede! E o que que acaba ganhando é uma boneca para a filha que já morreu!

PADRE: (interro,pendo a oração) - Meu filho, você não deve falar assim!

PEDRO: (Encarando o padre) -Porque não, padre ?

(O padre, sentindo a inutilidade das palavras naquele momento, torna a rezar. Nisso, chega Beto. Primeiro olha demoradamente para Pedro e depois para os demais. O padre volta-se e olha-o com alguma preocupação.)

BETO: (Aproximando-se de Maria) - Maria, eu sinto muito...(e voltando-se para Pedro) - Olha, cara, eu não vim antes porque nem sabia que ela estavana pior, não foi por má vontade! Não vão pensá que foi má vontade!

PEDRO: Tá bom, Beto... A gente nem te vê mais mesmo! Onde é que tu anda?

MARIA: Quando é que tu vai dá um geito na tua vida, Beto? A gente nem sabe mais de ti....

BETO: (Olhando significativamente para o padre) - Olha mana, eu vim aqui foi prá ver a gurria, não foi prá levá sermão! (Voltandp-se para os demais que o observam) - E o que foi? Nunca me viram? Sou eu mesmo! O Beto! Nascido e criado nesta mesma merda de vila! É que eu tô me virando prá escapá, moraram ?

MARIA | Beto, ninguém tá te fazendo nada!

BETO: É que esses caras aí ficam olhando prá gente com cara de besta!

PADRE: Também pudera rapaz, você não sai dos jornais! Quando não é roubando ou passando drogas e outras coisas!

BETO: E daí? Cada um na sua! E o que o senhor faz, também não é passar

drogas? alivia mas não cura.' E esta gente toda aí, ainda não tão roubando ou sei lá o que, porquenão tem peito.' Porque levá a vida de merda que levam, só tarado mesmo! Sem emprego, ou esmolando prá esquecer de tudo, depois num balcão de boteco!

PADRE: Essa não é hora de discutir, não é meu filho? Mas eu acho que vergonhoso é como você vive, toda hora preso!

BETO: Eu só vou em cana quando tô pelado. Quando tô com grana, ninguém deita o pai aqui no cimento.

PADRE: Isto aqui é um velório e é uma baixeza a gente estar discutindo assim!

MARIA: Beto, respeita o padre! Vê se para, agora!

PEDRO: Deixa o Beto falá! Quem sabe se ele não tem razão?

PADRE: Está vendo dona Maria? Ele já conseguiu o que queria! Até o seu Pedro, um homem honrado, já concorda com suas loucuras, os vícios levam a perdição da alma! Num velório e a gente tratando duns assuntos sujos desses!

BETO: Assunto sujo! Bom, eu não vou discutir agora, o que é sugeira, com o senhor, vou respeitar a guria aí...mas não venha falar de céu, alma, paraíso! O senhor quer saber qual é a única coisa que me comove? Quer saber? (Aponta para a morta)- É isso, padre. Morte de criança, só isto! É, eu acho porque fui criança aqui nesta miséria e escapei. Eu não morri aos cinco anos!

PADRE: Escapou...

BETO: A gente só não consegue escapar é de umas barra pesada mesmo, não é Rosa? De passar fome as vez em quando, quando as coisa não dão certo! Por isso é que eu não dou bola prá nada, faço qualquer negócio pra descolá uma grana, pela aí, e já queimo na mesma hora. Ao menos eu tô vivendo!

MARIA: É... mas a gente tem que pensá no futuro, Beto!

BETO: Futuro? Merdas prô futuro! Vem cá, vocês acham que eu sou trouxa? Saquem aqui, meus, apesar de tudo eu não sou tão burro assim! Eu penso de vez em quando! Esses dias aí, ainda escutei um cara no radio falando de bomba isso, bomba aquilo. É isso mesmo: amanhã ou depois um filha da puta destes aperta um botão e PUM! todo mundo pelos ares! Aí então todos, trabalhadores do Brasil, Crentes e descrentes, frescos, minas, todos entram bem! Todos sifu! E daí vão se lamentá: porque eu não fiz isso, por que eu não fiz aquilo? A gente tem que aproveitá é agora, ninguém dá colher prá ninguém.

MARIA: Beto, não fala mais assim! É o velório da tua sobrinha!

BETO: (Contendo-se) - Eu acho que tô falando por isso mesmo! Também tenho que desabafá. Não vê: ela tava aí, bem, e de repente... essa vida é uma merda mesmo! (aproximando-se do leito)- Desde quando ela tava doente ?

PEDRO: Já fazia um mês, e a gente não pensava que fosse grave....

BETO: E porque não me avisaram ? Eu podia quebrá o galho, me virá, sabe como é...

MARIA: E onde é que a gente ia te encontrá? Ninguém sabe mais de ti....

BETO: É que eu passei uns tempo no cimento. Tava passando umas coisa aí e me ganharam...

MARIA: Meu Deus do céu! Quando é que esse rapaz vai se ageitar? A gente tem que rezá muito por ele! Tem que rezá! (Abraça-se em Rosa)

ROSA: Rezá! Que é que adianta ?

PEDRO: É isso mesmo! Adianta alguma coisa?

MARIA: Pedro!

PEDRO: Vai! Não enche o saco !

(O padre abana a cabeça desolado. Vai até a porta, olha para fora e volta-se, sem encarar ninguém.)

PADRE: (Aproximando-se de Maria) - Dona Maria, esses assuntos a gente tem que resolver mais tarde, com o tempo. Agora é hora de se fazer alguma coisa para este anjinho. O caixão? Vocês já providenciaram o caixão ?

JUCA : A Teca saiu com uma lista por aí, prá vê se arruma dinheiro...

PADRE: Lista? Meu Deus do céu! Nesta vila pobre desse jeito... E alguém já foi no cemitério, tratar do sepultamento ?

PEDRO: Já, já fôram.

JUCA: É no dos indigentes....

PADRE: Mas e o caixão? Pode que o dinheiro da lista não dê. Quem sabe algum sindicatã, alguém... ?

JUCA: Sindicato! Só padre, mesmo! Sindicato aqui não consegue nada prá gente! E sindicato prá desempregado eu nunca vi. Os que tem por aí, fazem muita festa pros patrão, mas prá gente, nada.!

PEDRO: E depois tem outra: é que nem no instituto. O Camarada contribui toda vida, mas se passa um mêssem trabalhar e contribuir, perde o direiro! Quando a gente mais precisa, não tem!

PADRE: É... tem muita coisa a ser ajustada ainda por aí. Mas eu não entendo e nem me meto em política!

JUCA: Nem nós, padre! Nós só entemo o que sofremo na carne!



- PADRE: Todos sofrem, meu filho.' De uma maneira ou de outra cada um tem o seu próprio sofrimento. Uns fingem não ver as dores dos outros, mas, isso é assim mesmo! Mas o que é que podíamos fazer para conseguir o caixão ? E há esta hora? (Depara com a boneca. Pega-a e examina-a) - Esta é a tal boneca ?
- JUCA - É. Esta é a boneca que o dono da loja "deu" para o seu Pedro. (Beto tira umas notas do bolso e conta desolado.)(O padre tem uma idéia.)
- PADRE: Quem sabe esta boneca? A gente podia vendê-la, ou fazer uma rifa!
- PEDRO: Não senhor! O senhor não está na sua paróquia prá fazer rifa de nada! A boneca é da guria, e vai com ela!
- PADRE: Mas...
- MARIA: Velho, o padre pode ter razão! A boneca pode dar algum dinheiro!
- ROSA: E a esta hora da noite quem é que vai tá comprando rifa de boneca? Nem que se fosse vendê na cidade!
- PEDRO: (violentamente) - Eu já disse que não! (ergue-se, decidido. Arranca a boneca das mãos do padre, joga-a sobre a cama.)- Vocês querem saber de uma coisa? Eu robei por ela quando tava viva e robo agora mesmo morta! Deixa comigo. (ante ao olhar estupefato de todos, dirige-se a prateleira, procurando por algo, nervosamente.)
- PEDRO: Maria, que dê o facão que tava aqui? Eu quero o facão! Vou mostrá como arranjo dinheiro já, já!
- (Encontra o facão e ergue-se disposto a sair. Os demais, com um certo pânico tentam acalmá-lo, segurando-o. Pedro está possesso)
- PEDRO: Me larguem! Me deixem! A gente tem que ter pelo menos o direiro de enterrá os mortos!
- PADRE : Seu Pedro, tenha calma por favor! Tudo vai acabar bem! Nós vamos conseguir o dinheiro, o senhor vai ver!
- (Juca, auxiliado por beto, desarma Pedro, a força. Rosa consola Maria, que chora. O Padre está sem saber o que fazer. Abana a cabeça, com desespero.)
- PEDRO: (deprimido) - Ela precisa dum caixão! Ela precisa!
- (Beto, nota que Pedro se acalmou um pouco, afasta-se e vai até Rosa.)
- BETO: Rosa, tu e o Juca, controlem as bocas por aqui, que eu já volto!
- (Aproximando-se de Pedro ;)- Pedro, escuta bem: tu te acalma que

eu vô descolá uma grana aí! Mas fica na tua homem!

(Beto volta-se para sair, Maria interfere)

MARIA: Beto, onde é que tu vai? Fica aqui, Beto !

ROSA: (Para Beto que nem liga a irmã)- Ó Beto, eu queria ajudá a quebrá o gaio mas não pé. Tô de boi, sacou ? não dá pé !

BETO: Deixa prá lá...

PADRE: (Pegando Beto pelo braço, tentando impedir sua saída)- Meu filho não vá se meter em encrencas! Fica aqui, rapaz!

BETO: (Esquivando-se violentamente do Padre) - Tira as mãos de mim, Pa-dre!

(Beto sai)

PEDRO: (Mais calmo, abatido, sendo abraçado pelas costas por Maria)-Ela não tem caixão! Nem caixão ela tem!

ROSA: Vamos, vocês predisam estar fortes!(Maria chora)

JUCA: E o choro não vai fazê a guri voltá! E a luta continua...

PEDRO: Eu tô curtido com a morte, home! (e ergue a face tentando conter o pranto que quer dominá-lo) - Que Deus me perdoe, se é que ele e xiste, mas eu não tô chorando pela guria! A gente tem que chorá , é deraiva desta nojeira de vida! Disso tudo!

(E baixa a cabeça até os braços na mesa, chorando.O Padre, descon-solado, inútil, vai até a porta, ampara com ambos os braços aber-tos, em cruz, e permanece olhando para fora, para o alto, como se tentando assimilar alguma inspiração. Os demais consolam agora Pe dro. Maria, tendo se aclmado um pouco, vai até a "morta", que esta rá solitária.)

MARIA: Minha filinha! Tão sózinha aqui! A mãe vai ficá contigo! A mãe fi-ca contigo!

(O Padre sai da sua posução dirige-se até maria, colocando-lhe a mão sobre os ombros. Neste momento entra Teca com uma folha de as sinaturas e um maço de dinheiro. Passa com descaso pelo padre e di rige-se aos demais.)

TECA: Óia, nós fizemo o que pudemo com a lista, deu isso aí. Acha que já ajuda um pouco, não é ? (Satisfeita, tira do bolso uma vela e entrega à Juca) - Ah! Eu consegui mais uma vela! (A vela é acesa e colocada na parte superior da cama)(Juca, Teca e Rosa, contam o dinehrio, Teca afasta-se e dirige-se a Pedro)

TECA: Seu Pedro, lá no cemitério tá tudo acertado, o senhor pode ficá '

- PEDRO: (Insistindo) - O senhor me diga, Padre: Tá certo tudo isto? Os patrão mandando a gente embora, sem se interessá que a gente precisa comê, as criança morrendo de fome. E esta miséria toda por aí, que ninguém se preocupa, e o senhor fala em Deus ?
(O Padre nada responde, apenas abana a acbeça)
- TECA: Pois olhem: eu sou uma anarfabeta que os outro por aí. Não sei nada, mas acho que não tá certo não, criança não devia morrê assim!
(pausa)- Mas também prá que vivê!?
- PEDRO: E este mundo é grande e dava prá todos vivê bem! Por que ninguém dá chance prá ninguém!? Será que o mundo foi feito só pros rico?
- TECA: E isto vai sê sempre assim! Npois somo tudo um bando de cordeiro! A gente não faz nada! Só fiquemo aquisentado, esperando. Nós es perando, esperando, e os outro só botando no da gente!
- ROSA: É isso mesmo! Nadase modifica!
- PADRE: Eu sei que vocês tem razão, mas modificar o que? Como? A gente tem que passar por sacrifícios, mas não podemos perder a fé! Deus já disse, que um dia, os últimos serão os primeiros!
- PEDRO: Deus não dá geito em nada! Se a gente mesmo não se vira, ninguém faz nada!
- PADRE: A gente precisa de paciência, seu Pedro! Eu sei que numa hora destas, palavras não adiantam muito, mas...
- PEDRO: (Sacudindo o Padre pelos ombros)- Padre, eu não quero nada. Eu só quero um emprego! Será que Deus não me arranja um emprego, Padre?
- PADRE: (Desvencilhando-se de Pedro)(Sem encerrar ninguém) - Eu daqui a pouco tenho que ir... vocês me ajudam na reza?
(Rosa e Teca, aproximam-se e acompanham-no na oração, em voz baixa, Maria e Pedro, permanecem à mesa)
- MARIA: Eu já rezei tanto!.... (pausa)- Será que vai dar certo o negócio do caixão?
- PEDRO: Se não der, a boneca eu não vendo!
(O Padre conclui a oração em voz baixa. Faz o sinal da cruz e pre para-se para sair)
- PADRE: Amanhã de manhã eu volto para encomendar. Agora eu vou indo!
(O Padre dirige-se para a porta. Pedro, ergue-se.)
- PEDRO: Padre, eu vou lhe avisar que, se o senhor estiver esperando pagamento, eu não tenho nada, só se levá a minha camisa!
- PADRE: (Voltando-se lentamente)- Eu sei que o senhro não tem nada, seu

Pedro. Eu sei disso. (pausa)(Tenta gesticular, explicar alguma coisa, mas desiste.)- Até amanhã. Que Deus os abençõe...

(O Padre sai. entra Juca. Traz uma garrafa de aguardente e um pacote.)

JUCA: Olhem: O seu Jorge disse que faz por oitenta conta, mas o resto a dente pode ficá devendo! E o dono do boteco lhe mandou isso, seu Pedro, é cahaça, digo, cachaça e um pedaço de salame. Ele disse pro senhor não levá a mal, mas que isso ajuda um pouco...

MARIA: Oitenta conto? Mas só temo o dinheiro da lista! Como é que nós va mo pagá depois ?

PEDRO: A gente dá um geito, Maria! Depois a gente da um jeito!....
(Entra Beto)

BETO: (Tirando o dinheiro do bolso e entregando-o a Pedro)- Toma aí o cara, foi o que saquei!

MARIA: (Apreensiva) - Beto, por favor, dá onde tu tirou este dinheiro?

BETO: Não é muito não, só cinquenta, mas já ajuda, não é ?

MARIA: Dá onde tu arrumô este dinheiro, Beto ?

BETO: Mas que chateação! Arrumei e fim! Poxa!

MARIA: EU QUERO SAIR DA ONDE É QUE SAI ESSE DINHEIRO?

BETO: (irritado)- Escuta aqui: vocês tão duro, não tão? entao qual é o negócio de vocês? Qual é, heim ? Taí um pouco de grana e fim.'

PEDRO: Tá certo, Beto, mas se tu vai te metê em complicação...

BETO: Tá bom. Se vocêsquerem saber, eu não roubei! Pronto! Pequei duma gata ali da esquina, que se vira pro pai aqui, e ela nem reclamou quando soube prá que era a grana...

MARIA: Dinheiro duma puta? Dinheiro desses ?

BETO: E daí ? E da onde é que tu queria que eu tirasse? Só roubando! Pe dí tu sabe que não adianta: quem tem não dá prá ninguém! E assim ficou tudo em casa!

PEDRO: Mas e esta mulher?...

BETO: Deixa prá lá... não á primeira vez que pego grana dela! E ela que não me largasse prá vê!

MARIA: Isto é pior que robá...

BETO: Poxa! Se eu não gigoleio a mina, chega outro e cafeteia! Assim, já que eu peguei a bruxa, não tem mal nenhum as vez em quando ela me quebrá uns galhos! Em compensação, quantas vezes eu já dormi com ela, quantas ? E de graça, não cobre nada!

(MARIA abaixa a cabeça)

PEDRO: Tá bom, Beto! Cada um, cada um. Depois a gente dá um geito e te paga...

BETO: Corta essa, de tá sempre se preocupando com conta, com "amanhã a gente dá um geito". O mal do cara é sempre tá sempre se preocupando com amanhã. Deixa isso prá lá. (Voltando-se para Juca)- E como é que ficou o negócio lá com o seu Jorge ?

JUCA: Acertei o troço. Oitenta prata. De manhã tá pronto.

BETO: Menos mal. Com os cinquenta que eu trouxe, já são oitenta e seis conto. Mas, tu já deu o dinheiro pro homê?

JUCA: Os trinta e seis já!

BETO: (Fazendo circunferência com os dedos)- Aqui que ele vai levá o resto! (E prá Rosa) - E precisa comprá mais cachaça que esta aí não vai chegá, né Rosa?

ROSA: Falou...

MARIA: Juca, quando é que fica pronto o caixão ?

JUCA: De madrugada, dona Maria. O seu Jorge ficô lá providenciando.

MARIA: E como é que vai sê ? Vai sê branco, pro anjinho ?

JUCA: (desageitado, encabulado.)- Olha, dona Maria... a senhora desculpe, mas... olha o seu Jorge disse que vai muita madeira, que a gu^{ria} é grande e... mas o caixão ele faz por oitenta, mas sem pintá! Ele não tem tinta, e mesmo que tivesse não secava e...

MARIA: (Maria deixa-se cair pesadamente na cadeira, não fala. Olha o nada. Teca Adianta-se e abre a garrafa de cachaça servindo-se numa caneca a de aluminio. com um canivete, Rosa corta o salame em fatias e oferece aos demais que se servem. Pedro toma um gole de cachaça. Enchuga os lábios na própria camisa e pentinamente, com raiva, bate com a caneca sobre a mesa.)

PEDRO: Sem pintura! Um caixão de táboas sem pintura!...

(APAGAM-SE AS LUZES, Ficando somente a iluminação das velas.)

Fim do Iº Ato

IIº ATO

(Mesmo cenário. O dia amanhecendo. o caixão, roto, só de táboa e sem pintura, com as velas acesas, estará atravessado sobre duas cadeiras. A mesa, por isso, foi afastada mais para o lado. sobre a mesa, já umas quatro garrfas de cachaça vazias e uma ainda cheia. Na mesa Pedro e Maria bebem(ele mais do que ela), no garga-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

lo mesmo. Teca e Juca, sonolentos, estão recostados à parede. Fora da cena (dando a idéia de estarem fora da casa) no pátio, Rosa e Beto fumando o mesmo cigarro, mantém o mesmo diálogo.)

ROSA: Eles vão sentir falta da guria...

BETO: É... ele era tão boazinha! Não sei qual é! tanta gente aí prá morre que não morre!

ROSA: Ainda bem que parece que já tão meiuo se conformando.

BETO: É, cachaça conforta qualquer um! O negócio é não deixá faltá trago por aqui, por alguns tempos. Foi bom eu ter mandado comprar mais com a grana aquela!

ROSA: É, mas o trago acaba e então é brabo!

BETO: Mas a gente se conroma com tudo!... A gente acaba, perde tudo que é sentimento, e acaba, de tanta raiva, nem sentindo mais nada!

ROSA: Nem todos, Beto! E aqui também tem gente boa!

BETO: Isso eu sei. Todo mundo nasce bom. O mundo é que arrebenta com a gente!

ROSA: Eles aí... e eu também. A gente se preocupa contigo, nestas tuas trapalhadas.

BETO: Vocês são boa gente. Mas não precisam se preocupar, porque eu mesmo não ligo pro troço.

ROSA: Mas é que pode acabá mal. Numa dessas aí, tu entra bem!

BETO: Olha Rosa, pior que eu já passei, não existe! Apanhá todos os dias de pai bêbado e todas noites ver a minha própria mãe se virando! Tu sabe da história, a gente bem dizê se criou junto! Todo mundo tá sabendo! E o que é que podia dá? Queria que eu fosse doutor?

ROSA: Mas a gente fica com medo que te acertem numa hora destas!...

BETO: Se me acertarem, melhor! Essa vida é uma fossa, mesmo, e só pode acabá na merda!

ROSA: Mas tu ainda é moça, beto. Eu so mulhé, to perdida mesmo. Mas tu podia trabalhá, consegui uma viração honesta! E se honesto dá valor prum homê.

BETO: Valor prá que? prá quem? Olha Rosa, nós o "Zé-Povinho" não temos a mínima, sacou? Tu acha que alguém vai nos dá uma colher? sem querer nos explorar antes? Não vê como anda o troço por aí? Gueria que qué se empregá, tem que antes dormi com o patrão. e a gente, tem que se humilhá, que nem o pedro e os outro aí se humilha!

Eu não! O que eu pego, eu pego a força, se não não ganho! A gente tá na pior, num miserã federal e não se tem como sair! E todo mundê do sabe disso, todo mundo aí, os grande aí, mas ninguém faz nada.' Só papo.

ROSA: Prá ti pode tá certo andá roubando por aí... mas é b... Prá quem te viu crescê...

BETO: Roubando, não! roubar de quem tem prá matá a fome... roubá! E elém do mais quando eu morrê, o que é que iam dizê de mim?

ROSA: Como assim ?

BETO: Se um dia eu levo um tiro, ou morro mesmo de morte morrida que nem a guria aí. Se não fosse o que eu sou, iam apenas dizê:"morreu mais um marginal. Foi encontrado morto debaixo da ponte, numa maloca." Sei lá! E um marginal não é nada, morou? Disso aí o mundo tá cheio! É merda !

ROSA: Ah! Quer dizer que entra um pouco de orgulho no troço ?

BETO: Mas é claro que o cara tem que ter amor próprio! Assim não: Se me pegam, os jornais vão falar da minha história e de meus crimes!vão até invetá crime que eu não pratiquei! E os conhecido vão dizê:"É... não prestava mesmo, era ladrão, traficante..."mas prá mim não impor porta, mororu ? Prá mim interessa é que eu tô fazendo alguma coisa, que sou mais que um merda de um marginal! Eu incomodo!

ROSA: E como! Mas o pior é que incomoda também a tua gente, com preocupação!

BETO: Olha, eu já falei que não dou pelota pro troço, e que ninguém tem nada a vê com a minha vida! Tinham que se preocupá quando eu era guri, quando tavam me criando! A_gora é tarde!(pausa)- Eu vi a mi nha mãe morrendo que nem cadela louca e quase cuspi na cara dela! E meu pai, se eu encontrá ele vivo na rua, sou capaz de dar uma fa cada nele, só prá me vingá! (Pausa)(Ironico)- Ainda que parece que a Maria aí escapu, sendo criada em outro lugar. Se bem que vol tou às origens,.... mas se tivesse ficado aqui que nem a gente fi cou....Agora eu vô tê sê franco: eu sou eu... não digo prá ninguém me imitá. E que as vez em quando dá vontade o nego larga de tudo, isso dá, mas de que geito? Depois que o cara entra não sai mais.a- costuma com o troço !

ROSA: Mas então, vê se numa hora dessas que te dá vontade de largá, larga mesmo homê.

BETO: Hum... Logo tu falando. Tu que não larga da vida ?

ROSA: Deixa prá lá...

(Neste momento o dialogo e interrompido e o diálogo e a ação volta para o interior da cena. Pedro toma mais um gole)

MARIA: Para de bebê, Pedro!

PEDRO: E daí. Tu também bebeu ...

MARIA: Mas eu sei me controlá! Eu te conheço...

(Pedro, meio bêbado, dá de ombros. Vai com a cachaça até Teca e Juca e eles também bebem)

MARIA: (Olhando o caixão)- Daqui a pouco ela vai. A nossa guria vai se interrada. Nós nunca mais vamo vê ela!

PEDRO: É... daqui a pouco ela vai!

MARIA: Pelo menos não tá mais sofrendo! Eu já não aguentava vê- ela o dia inteiro ardendo em febre. Chorando!

PEDRO: É. A coitada apurrinhô a semana inteira.

MARIA: Só riu um pouco quando tu falô que ia buscá a boneca....

(Rosa se aproxima, antevendo que Maria estava se penalizando novamente.)

ROSA: Maria... quem sabe se você tomava um pouco d'água.

(Maria acena com a cabeça não aceitando.)

PEDRO: Desgraçado daquele médico lá do posto! Dizê que era gripe e que ela não podia baixá! Será que els não viram que a coisa não era mais gripe, e que também ela tava fraca, de não comê direito?

ROSA: (insistindo)- Maria, veja se se aclma agora. Quem sabe a senhroa se deita um pouco, para de falar... e agora não adianta mais nada... Ela pelo menos não tá mais sofrendo!

PEDRO: É... não sofre mais... (significativamente) E também, só assim escapô de virá puta que hem as outra por aí quando crescesse.

MARIA: Pedro! Não fala assim! E a nossa guria não ia se!

PEDRO: Claro que ia! Daqui ninguém escapa!

ROSA : (agastada afasta-se)

MARIA: Eu sô daqui e não fui...

PEDRO: Tá certo, tá certo. Tu não foi... mas certidão de casamento nós não temo!...

MARIA: Isso foi relaxamento. A gente já podia ter dado um jeito.

PEDRO: É. Um dia a gente dá um jeito. A gente dá um jeito em tudo!...

MARIA: Eu não quero mais nada. Cansei.

PEDRO: Nem eu. O que eu queria agora, é tomar um porre daqueles, depois



do enterro e quebrá tudo que encontrá pela frente!

MARIA: Não sei o que ia adiantá ?

PEDRO: Nada. Mas tirava o recarque. O queria mesmo, era sair por aí e acabá com a raça de uns dois ou treis! Isto aí! Depois também acabava com esta nojeira da minha vida!

MARIA: Conversa de Bêbado! E depois, matá a quem, se ninguém te fez nada?

PEDRO: Eu não sei Maria, mas se a guria ta aí, morta, se eu tã sem emprego, nós passando fome, tem que ter algum culpado! Os patrão que só pensam no seu dinheiro, essa gente aí que só cuida de mandá foguete prá lua, se esquecendo da miséria aqui em baixo. Os governo que não dão escola prá se estudá, não dão terra prá se plantá, nem hospital prá gente se tratá. Eu não sei... mas alguém tem culpa disso tudo!

MARIA: Deu é quem sabe, Pedro ! Ele só faiz as coisa pro bem.

PEDRO: Esse Deus que falam aí, não sabe é dividi! Como é que uns tem tanto e outros nada? Que Deus é esse que mata criança e só faz a gente passá fome ?

(Nisso entra o padre que escutou as últimas palavras de Pedro. Aproxima-se do caixão, penalizado. Convida com um gesto que todos se aproximem. Maria, Juca, Teca e Rosa o atendem. Pedro e Beto permanecem à mesa, bebendo.)

PADRE: Seu Pedro, só falta encomendar... depois, quando o senhor quiser...

PEDRO: Eu não tenho pressa ! Vocês queriam o caixão! Já tem, não tem? O que é que querem mais ?

MARIA: Não faz assim, velho! É que tá na hora...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PADRE: Vamos esperar um pouco, dona Maria... (Lembra-se de algo, chama Maria a parte. Do bolso da batina entrega algumas notas à Maria). E olhe aqui, pegue isto. Não me leve a mal, mas creio que ajudará para vocês se manterem uns dias mais.

MARIA: Mas o que é isto, Padre ? Dá onde o senhor conseguiu ?

PADRE: Olhe, dona Matia, numa paróquia, as pessoas que precisam, devem ser mais importantes do que a compra de cálices, velas, ou batinas novas para o vigário.

MARIA: O senhor pegou esse dinheiro das economias da paróquia?

PADRE: Deixe prá lá, dona Maria.

(Maria observa o Padre, perplexa. O padre aproxima-se de Pedro, tocando-lhe o ombro. Pedro se esquiva.)

PADRE: (Voltando para o caixão, acompanhado dos demais, menos Pedro e Be-

to)- Seu Pedro e seu Beto! Ao menos fiquem em pé, em sinal de respeito! Eu vou iniciar a encomendação! (e para Rosa)- Será que não vem mais ninguém ?

ROSA: Acho que não... Tá todo mundo com essa gripe aí... e depois, morre tanta criança por aí, que velório já nem é mais novidade! O Senhor sabe disso!

(Beto e Pedro, demoradamente, observados pelos demais, erguem-se. O padre inicia.)

PADRE: Recebe, Senhor, esta criança que chamastes para o vosso lado, em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. E que a Virgem Maria se compadeça dela, cuidando que no céu, este novo anjo tenha a felicidade que lhe foi negada na terra. Dê aos seus pais a coragem e a força para suportarem a sua ausência, preenchendo suas vidas com saúde e com o calor de vossa fé, que nós foi ensinada por vosso filho, que também morreu como esta criança, para nos encher, cada vez mais, dos mistérios de vossa criação. Mistérios estes que serão desvendados, quando vós, acompanhado de todos os justos, vierdes para o juízo final. Recebe-a, pois ela não tem pecado. Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, Amém.

(Maria soluça. É consolada por Rosa. As velas são apagadas. Teca e Juca se preparam para fechar o caixão.)

JUCA: Acho que já podemos fechar...

PEDRO: (voltando-se bruscamente)- Ninguém vai fechá coisa nenhuma. (Os outros param estupefatos)- Onde é que tá a boneca? O que é que fizeram dela ? Eu avisei que era da guria!

PADRE: Ninguém fez nada com ela, tenha calma, homem!

(Todos procuram. Pedro é o mais inquieto. De um canto ao outro)

PEDRO: Se algum desgraçado pegô a boneca vai se arrependê! Eu juro, vai se arrependê.

(Teca localiza a boneca e aproxima-se de Pedro que está de joelhos debaixo da cama.)

TECA: Tá aqui seu Pedro. Achei!

PEDRO: (Pedro pega a boneca, ergue-se aproxima-se do caixão, colocando a boneca ao lado da morta.)- Pronto, minha filha... tá a boneca! O pai tinha te prometido ela não é? Leva ela junto e brinca bastante! E não empresta ela prá ninguém, viu ? Porque aqui também ninguém nos empresta nada. Ela é só tua, viu ? Leva ela e Brin-



ca bastante!

(Os outros, comovidos, afastam-no do caixão, que é feixado. Beto, Juca e Teca, carregam-no vagorosamente saindo. reza a oração "Ave Maria", em voz baixa. Maria apronta-se para seguir o cortejo, colocando um lenço sobre a cabeça, prendendo os cabelos. O Padre, em gesto de consolo, pões a mão sobre o ombro de Pedro que se esquiva novamente.)

PEDRO: Eu só quero um emprego, Padre!

MARIA: (Já saindo) - Eu só quero ter forças prá podê continuá lavandô.'

PADRE: (Para Maria)- Vocês podem ter outros filhos, dona Maria !

MARIA: (Já saindo, voltando-se) - Prá que, Padre !? (e sai, juntando-se ao cortejo).

PADRE: (no palco, com Pedro)- Deus não tem culpa, seu Pedro.

PEDRO: E quem é que tem, então ?

PADRE: Isto é difícil de explicar, meu filho... é complicado. Há toda u ma estrutura que gera determinadas situações e...mas cada um nasce predestinado... eu sei que estas coisas assim são difíceis de aceitar, eu sei. E sei também que cada um tem um pouco de culpa nas coisas! Cada pessoa é culpada, ou por ignorância, ou por omissão, ... mas...

PEDRO: E que é que as crianças tem que ver com isso, padre ?

PADRE: Nada. Nada. Mas a tua filha agora desçaça.

PEDRO: E as que não morrem ?

PADRE: Vivem o seu destino... sofrem...

PEDRO: Nem todas sofrem.

PADRE: Deus é quem sabe. Ele é quem dirige os nossos caminhos. Ele é quem escolhe.

PEDRO: O senhor não disse que Deus não tem culpa ?

PADRE: (Esitando uma vez mais)- Não é isso, Pedro, não é isso...

PEDRO: E tudo isso por ai ? Por que Padre ? O senhor pode me responde?

PADRE: (Tentando ser decidido ao expressar-se)- Porque os grandes são grandes demais e se transformaram em Deuses... porque os homens são o que são! Porque as pessoas só acreditam no seu dinheiro, no poder de suas finanças. Porque seus espíritos apodreveram. E todos se esquecem que existem Pedros, por aí... Marias, por aí... e os outros são, pequenos demais para se defenderem... pequenos demais para serem grandes... (mais brandamente, como que pensando em voz alta)- E se até os pequenos deixarem de crer quem irá con-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



tinuar !

PEDRO: Eu sou tão pequeno que não tenho emprego! E a minha filhanão ti -
nha nem caixão!

PADRE: (refazendo-se)- Você conseguiu o caixão. Haverá também de conse -
guir um emprego, meu filho.

PEDRO: Mas eu me sinto doente, Padre. Eu tinha que me tratá, comê melhor
uns tempo, senão, não vou podê! E eles querem produção! A gente
tem que produzi prá eles no trabalho!

PADRE: Você aguentará, Pedro...

PEDRO: (encarando o Padre, que baixa os olhos.)- Padre: diz bem na mi -
nha cara. O senhor acha que eu vou conseguir alguma coisa na mi -
nha vida ? O senhor acha que consigo alguma coisa ? Diz bem na mi
nha cara, padre!

(O Padre se esquiva num gesto de impotência, de inutilidade, apro -
xima-se da porta para sair.)

PADRE: Você aguentará, Pedro.... (em voz mais baixa)- até morrer um dia
desses.

(o padre junta-se ao cortejo, Pedro ao invés de segui-lo, vai
até a cama da filha, ajoelha-se e , inconscientemente inicia o
sinal da cruz, que logo interrompe erguendo-se.)

PEDRO: Em nome do Pai, do Filho e do Es... (ergue-se)- Mas eu não quero
mais nada ! Eu só quero um emprego! Não quero mais nada! Só um
emprego! (Depois, apressa-se em sair do papco, gritando em dire -
ção do cortejo, que o está esperando.)

PEDRO: Heim ! Esperem por mim ! Minha filha! Eu vou junto enterrá a gu -
ria ! Esperem !

(Decendo, estando no mesmo nível dos demais, entre o público,
grita com desespero, tendo a voz embargada pelo pranto.)

PEDRO: Viram, patrões, donos de lojas e de fábricas? O Operário vai en -
terrá sua filha! E a boneca da loja grande vai junto! A boneca
vai com ela! Isso vocês não conseguiram tirá dela! A boneca vai
junto! Ninguém vai tirá isto dela, a boneca vai junto!

(O padre vem até Pedr, tentando consolá-lo. Pedro se esquiva
violentamente.)

PEDRO: Me deixa, Padre!

(O padre permanece então imóvel. Beto abandona seu lugar no cor -
tejo, aproxima-se de Pedro, e ampara-o pelso ombros. Pedro dócil -
mente aceita o amparo de Beto. O cortejo segue então vagarosa -
mente, estando na frente, carregando o caixão, Juca, Teca, Rosa, Maria.

Mais atrás, Pedro, amparado por Beto e por último após um momento de imobilidade o Padre é o último a sair. O cortejo sai vagarosamente.)

Março de 1969

Maio de 1976



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A FOSSA

A FOSSA

RONALD RADDE

PEDRO - (batendo com o punho na mesa) - Não adianta nada mesmo. Não adianta nada.

MARIA - Pedro, nós temo é que ter coragem. Isso é assim mesmo e ...

PEDRO - Claro que nós precisamos de ter coragem. A guria tá ali, morta, atirada numa cama de trapos e a gente tem que pegá e enterrá e fim. Afinal, não é a única criança que morreu hoje.

Eu já tô curtido com a morte. O meu pai também dizia que a gente tinha que ter coragem, quando meus irmãos iam morrendo um a um, sem atendimento, como a guria aí agora. Ele, tropeando o ga do do patrão, lá pela fronteira e seus filhos morrendo. Nas viagens dele, não se perdia uma vaca se quer, mas filho perdeu quatro. Mas ele tinha coragem: na mesa, quando a gente ansiava pela comida que não vinha, com as barrigas estalando de fome, ele dizia sempre : ... "Um dia Deus vai ajudá, e daí os últimos vão ser os primeiros."

MARIA - Mas é isso mesmo, Pedro. A gente tem que tê fé em alguma coisa. E depois, quem sabe se assim não foi melhor prá ela?

Quem sabe lê os sofrimentos que ela ia pená, continuando viva...

PEDRO - Claro que foi melhor prá ela. E prá nós também.

MARIA - Porque melhor prá nós?

PEDRO - Porque é uma boca a menos prá passá fome com a gente. E ela não precisa mais ta aí, vivendo de esperança, se iludindo que um / dia as coisas vão melhorar.

MARIA - Melhora sim, home. Nem tudo é mentira nesse mundo. Olha ...

PEDRO - Te convence mulhé: prá nós, a gentinho, a verdade não existe.

(Ergue-se, dando as costas à mulher que ampara com a cabeça en-
terrada entre as mãos chorando baixinho. Rosa vem confortá-lo .
Pedro continua revoltado). - Eu sou um home trabalhador, nunca/
fui vagabundo. E ando há um tempão atrás de emprego. Emprego /
com carteira assinada, com instituto. E olhe que aprendi a fa-
zer o meu nome, mas também, só assiná ... O que eu não tenho é
profissão. E todo dia, todo mundo promete que eu vou ganhá va-
ga, que o emprego já é meu, que eu volte na semana que vem. Men-
tira. Esses dias aí, me ajetei o que deu numa roupa aí e fum /
em todas as agências de emprego aí. Mas como eu não tô arrumado
me arrumam é merda. Eles tão aí prá vivê da desgraça dos outros.

Continua

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- PEDRO - (Continuando) - Não adianta, depois que eu adoeci, não posso trabalhar nas obras. E quando tem uma vaga, me pedem exame / médico e pronto. Lá tá aquela desgraçada mancha nos pulmões. Não adianta eu dizê que já tratei, que tá me faltando cumê / melhor. Eles não me arrumam emprego a fim.
- MARIA - (tentando acalmar Pedro) - Pedro ...
- PEDRO - Isso é assim mesmo. Quem tem, melhor; quem não tem, rale-se.
- ANA - Deixe, Dona Maria. A gente precisa falá prá pode desabafá. E essas agências de trabalho são mesmo a maior picaretagem que existe. E com isso ninguém se preocupa.
- PEDRO - Agora, o caderno de venda já foi cortado e a gente vive de / migalha, de roupa que a Maria leva, de quando em quando eu arrumo um biscate ... E prá ganhá uns dinheirinho eu tenho / feito de tudo. Até jardim eu tenho limpado. Mas a gente anda mal encarado, com esses trapos de roupa suja, que nem deixam a gente entrá nos portão. (pause) - Eles tem medo, acham que a gente vai roubá, que é ladrão ...
- (senta-se e depara com a boneca sobre a mesa, à sua frente - pega-a).
- E eu sou mesmo um ladrão agora.
- ANA - O senhor não fala isso, seu Pedro. O senhor não é ladrão.
- ROSA - Claro que não, seu Pedro. O senhor só queria agradá a guria que tava doante e lhe pediu a boneca. Isso não é roubá.
- MARIA - Pedro, não fala mais nisso. Tu não roubou nada.
- PEDRO - Eu sei porque roubei a boneca. A gente sabe que ela não fala va noutra coisa, desde que viu ela lá naquela maldita loja , outro dia. Ardendo em febre, só falava na boneca. Não podia / remédio nem comida, porque não tinha mesmo. Mas a boneca, ig so ela queria. A boneca de loja grande. Mas pros outros isso não interessa. Quando me prenderam e eu expliquei pros quar-das porque eu tinha levado a boneca, eles me chamaram de va-gabundo e me bateram. OLHA. (abre a camisa, mostrando o pei-to ferido de bordoadas). - E depois, toda a tarde, me cuspi-em na cara, me chamando de sujo ... E quando cheguei ela já estava morta.
- (põe as mãos no rosto como se fosse chorar).
- (Nesse momento, os atores deverão permanecer em suas posiçõ-es estáticas e a iluminação deverá ser como um flash foto-/gráfico. Uma gravação imitando essas de programação de rádio com entrevista "ao vivo" pela cidade, no caso, numa delega-cia, com todo o burburinho,) se fará ouvir:

Continua



GRAVAÇÃO - "Repórter (no ar) - Senhoras e senhores ouvintes, estamos aqui na oitava delegacia de polícia, registrando um fato curioso e exemplar: Um ladrão roubou uma boneca de uma loja. / Foi perseguido e preso pela polícia. Depois, revelou que a / boneca era para a sua filha que está muito doente. Tendo conhecimento disso, o dono da loja, retirou a queixa liberando portanto o ladrão e ainda lhe deu a boneca de presente. Um gesto nobre, de mais alta ... Mas vejam, quem se aproxima é o dono da loja, o benemérito. Vamos entrevistá-lo. Senhor, senhor, por favor, os ouvintes gostariam de conhecê-lo, após / o seu nobre gesto. Algumas palavras.

DONO DA LOJA: Olhem, a minha loja fica na Rua Rosário nº 530. Rua Rosário nº 530; estamos em liquidação. Estamos em liquidação." FIM DA GRAVAÇÃO" (os atores voltam-se a mover).

ROSA - Ele devia ter dado um emprego. E mandado um médico. Daí ela não tinha morrido.

PEDRO - E remédios. Porque não me arrumam remédios, quando eu pedi?

ANA - Ora, porque ninguém presta.

(Nesse momento entrará o padre. Desagradavelmente, cerimonioso).

PADRE - Me avisaram que houve um falecimento por aqui e eu vim prá/ ajudar...

PEDRO - O senhor chegou tarde, Padre. Muitos anos tarde. A morta já/ estava encomendada desde que nasceu.

MARIA - (aproximando-se do Padre) - O Senhor desculpe Padre, mas o velho sofreu muito com tudo isso. E ela tava ruim, a gente / mandou-lhe chamar, mas o senhor só veio agora ...

PADRE- Eu não estava na Igreja quando me chamaram pela primeira vez. Somente agora é que fiquei sabendo que tinha morrido gente / por aqui.

PEDRO - (para ANA) - De certo ele estava em algum chazinho por aí, ao invés de estar na Igreja. Padre só anda em chazinho, festinha e não sei mais o quê. E a criança morreu sem batismo.

PADRE - Sem batismo?

PEDRO - E daí? Nem registro de nascimento ela tinha mesmo ...

MARIA - E sem médico também. Ninguém veio atender a guria. A gente / foi nesses postos por aí, mas não veio ninguém... Eu batizei ela antes de morrer, à minha moda, mas ... não sei se vale, / Padre.

PADRE - Fez muito bem, dona Maria. A senhora fez muito bem.

Continua



- PEDRO - E o que é que vai adiantá? O batismo vai fazê a guria vivê de novo?
- PADRE - O Senhor devia se acalmar seu Pedro: Eu vim aqui foi para/ ajudar. E se quer saber, eu não estava na igreja naquela / hora porque estava ajudando outros em outro lugar. E o se- nhor sabe muito bem que numa paróquia pobre como a nossa / aqui da vila, a gente não faz chá de espécie alguma. A mi- séria aqui é tanta que Padre tem que ser médico, enfermei- ro, tudo. Até operário.
- ROSA - (debochando) Bem, até isso é verdade. O Padre até que tem ajudado a gente mesmo. Sabem: um dia desses aí ele mesmo / me chamou lá na Igreja e veio com aquela ladainha que eu devia largar da vida, que isso é pecado e não sei mais o quê, ...
- PADRE - Rosa, eu fiz nas melhores intenções.
- ANA - Intensão não resolve, Padre. Não cola. De intensão já anda mos cheios.
- PEDRO - Eu sei duma coisa, Padre; religião ou não religião, ninguém vai trazê a guria de volta.
(O Padre lastima com um gesto com a cabeça e se aproxima / da morta, descobrindo-lhe a cabeça).
- PADRE - Uma criança. Porque tem que ser sempre uma criança?
(Depois convida com um gesto para que todos se aproximem. Maria acompanha o Padre numa oração. Pedro permanece imó- vel).
- PEDRO - Uma criança. Quantas crianças morreram por aí hoje? Quantas? Nas enchentes, nas terras secas, na sujeira das pontes e / das malocas? E a gente reza. E reza e pede. E que acaba ga nhando é uma boneca prá filha que já morreu.
- PADRE - (interrompendo a oração) - Meu filho, você não deve falar / assim.
- PEDRO - (encarando o Padre) - Por que não, Padre?
(O Padre, sentindo a inutilidade de palavras naquele momen- to, torna a rezar. Nisso chega Beto. Primeiro olha decora- damente para Pedro e depois para os demais. O Padre volta- -se e olha-o com preocupação.).
- BETO - (Aproximando-se de Maria) - Maria, eu sinto muito ... (e voltando-se para Pedro) - Olha cara, eu não vim antes por- que nem sabia que ela estava na pior, não foi por má vontade.

Continua



- PEDRO - Tá bom, Beto ... A gente nem te vê mais mesmo. Onde é que tu anda?
- MARIA - Quando é que tu vai dar um jeito na tua vida, Beto? A gente nem sabe mais de ti ...
- BETO - (olhando significativamente para o Padre) - Olha, mana, eu vim aqui foi prá vê a guria, não foi prá levá sermão. (volta-se para os demais que o observam). E o que mais digo / o que foi? Nunca me viram? Sou eu mesmo. O Beto. Nascido e criado nesta mesma merda de vila. É que eu tô me virando / prá escapê, moraram?
- MARIA - Beto, ninguém tá te fazendo nada.
- BETO - É que esses caras aí ficam olhando prá gente com cara de besta.
- PADRE - Também pudera, rapaz. Você não sai dos jornais. Quando / não é roubando é passando tóxicos e outras coisas.
- BETO - E daí? Cada um na sua. E sabe, o que é que o senhor faz? Não é passar tóxicos? Alivia, mas não cura. Essa gente toda aí ainda não tão roubando sei lá que, porque não tem / peito. Porque levam a vida de merda que levam, só tarado / mesmo; sem emprego ou esmolando prá esquecer tudo depois / num balcão de boteco.
- PADRE - Essa não é hora de discutir, não é, meu filho? Mas eu / acho vergonhoso é como você vive. Toda hora preso.
- BETO - Eu só vou em cana quando tô pelado. Quando tô com grana, ninguém deita o pai aqui no cimento.
- PADRE - Isso aqui é um velório e é uma baixeira a gente estar discutindo assim.
- MARIA - Beto, respeita o Padre. Vê se pára, agora.
- PEDRO - Deixa o Beto falá. Quem sabe se ele não tem razão?
- PADRE - Está vendo, dona Maria? Ele já conseguiu o que queria. Até o seu Pedro, homem honrado, já concorda com suas loucuras. Os vícios levam à perdição da alma. Num velório e a gente tratando duns assuntos sujos desses.
- BETO - Assunto sujo. Bom, eu não vou discutir agora o que é sujeira com o senhor. Vou respeitá a guria aí ... Mas não / me venha falá de céu, alma, paraíso; o Senhor sabe qual é a única coisa que me comove? Quer saber? (aponta para a morta) É isso Padre. Morte de criança. Só isso. Eu acho / que é porque eu também fui criança aqui nesta miséria. Não / capei. Eu não morri aos cinco anos.

Continua



PADRE - Escapou ...

BETO - A gente só não consegue escapar é de umas barras pesadas mesmo, não é Rosa? Da passada fome às vezes em quando, quando as coisas não dão certo. Por isso é que não dou mais bola prá / nada. Faço qualquer negócio prá deslocar uma grana e já quei / mo na mesma hora. Pelo menos tô vivendo.

MARIA - É ... mas a gente tem que pensá no futuro, Beto.

BETO - Futuro? Merdas pro futuro. Vem cá, vocês acham que eu sou / trouxe? Saquem aqui, meus, apesar de tudo eu não sou tão bur / ro assim. Eu penso de vez em quando. Esses dias aí, ainda eg / cutei um cara falando de bomba isso, bomba aquilo. É isso / mesmo: amanhã depois, um filho da puta desses aperta um bo- / tão e PUM. Todo mundo pelos ares. E então, todos trabalhado- / res do Brasil, crentes e descrentes, frescos, minas, todos / entram bem. Todos sifu.

E daí vão do lamentá - porque eu não fiz isso, porque eu não fiz aquilo? A gente tem que aproveitá é agora. Ninguém dá co / lher prá ninguém.

MARIA - Beto, não fala mais assim. É velório da tua sobrinha.

BETO - (Contendo-se) - Eu acho que tô falando por isso mesmo. Também / tenho que desabafá. Não vê: ela tava aí, bem, e de repente... Esta vida é uma merda mesmo. (aproxima-se do leito) Desde / quando ela tava doente?

PEDRO - Já fazia um mês e a gente não pensava que fosse grave ...

BETO - E porque não me avicaram? Eu podia quebrá o galho, me virá , sabe como é ...

MARIA - E onde é que a gente ia te encontrá? Ninguém sabe mais de ti.

BETO - É que eu passei uns tempo no cimento. Tava passando umas coi- / sas, aí me ganharam.

MARIA - Meu Deus do céu. Quando é que esse rapaz vai se ajestitar?

A gente tem que rezar muito por ele. Tem que rezar. (abraça-se / com Rosa).

ROSA - Rezá, que é que adianta?

PEDRO - É isso mesmo. Adianta alguma coisa?

MARIA - Pedro!

PEDRO - Vai, não enche o saco.

(O padre abana a cabeça desolado. Vai até a porta, olha para / fora e volta-se sem encarar ninguém).

PADRE - (aproximando-se de Maria) - Dona Maria, esses assuntos a gen- / te tem que resolver mais tarde, com o tempo. Agora é hora de / se fazer alguma coisa por esse enjinho. O caixão? Vocês já / providenciaram o caixão?



Continua

- ANA - A Luísa saiu com uma lista por aí, prá vê se arruma dinheiro...
- PADRE - Lista? Meu Deus do céu. Nessa vila pobre desse jeito... E alguém já foi no cemitério tratar do sepultamento?
- PEDRO - Já, já foram.
- ANA - É, no dos indigentes ...
- PADRE - Mas e o caixão? Pode que o dinheiro da lista não dê. Quem/sabe algum sindicato, alguém? ...
- ANA - Sindicato. Só padre mesmo. Sindicato aqui não consegue nada prá gente. E sindicato prá desempregado eu nunca vi. Os que tem por aí, fazem muita festa pros patrão, mas prá gente, nada.
- PEDRO - E depois tem outra: é que nem no instituto. O camarada ^{cont}tribui a vida toda, mas se passa uns meses desempregado e ^{não} contribuir, perde o direito. Quando a gente mais precisa, não tem.
- PADRE - É tem muita coisa a ser ajustada ainda por aí. Mas eu não entendo e nem me meto em polícia.
- ANA - Nem nós, padre . Nós só entendemo o que sofremo na carne.
- PADRE - Todos sofrem, minha filha. De uma maneira ou de outra, cada um tem o seu próprio sofrimento. Uns fingom não ver as dores dos outros, mas ... isso é assim mesmo. Mas o que é que podíamos fazer prá conseguir o caixão? E a esta hora? (depara com a boneca, pega-a e examina-a). Esta é a tal boneca?
- ANA - É. Essa é a boneca que o dono da loja "dou" para o seu Pedro.
(Beta tira umas notas do bolso e conta, desolado) (O padre tem uma idéia).
- PADRE - Quem sabe essa boneca? A gente podia vendê-la ou fazer / uma rifa.
- PEDRO - Não senhor. O Senhor não está na sua paróquia prá fazer / rifa de nada. A boneca é da guria e vai com ela.
- PADRE - Mas ...
- MARIA - Velho, o padre pode ter razão. A boneca pode dar algum dinheiro.
- ROSA - E há esta hora da noite, quem é que vai tá comprando rifa da boneca? Nem que se fosse vendê na cidade.
- PEDRO - (violentamente) Eu já disse que não. (ergue-se ^{decidido} e ^{arranca} a boneca das mãos do padre, joga-a sobre a sua cama.).
Vocês querem saber de uma coisa? Eu roubei prá ela quando



PEDRO - (Continua) ... estava viva e roubo agora, mesmo morta. Deixem comigo. (ante o olhar estupefato de todos, dirige-se à prateleira, procurando por algo, nervosamente).
 Maria, cadê o facão que teve aqui? Eu quero o facão. Vou mostrar como arranjo dinheiro, já-já. (encontra o facão e ergue-se disposto a sair. De demais, com um certo pânico / tentam acalmá-lo. Pedro está possesso).

PEDRO - Me larguem, me deixem. A gente tem que ter pelo menos o direito de enterrar os mortos.

PADRE - Seu Pedro, tenha calma, por favor. Tudo vai acabar bem. / Nós vamos conseguir o dinheiro, o senhor vai ver.
 (Beto desarma Pedro, à força. Rosa consola Maria, que chora. O Padre está sem saber o que fazer. Abana a cabeça com desespero).

PEDRO - (Deprimido) - Ela precisa dum caixão. Ela precisa..
 (Beto nota que Pedro se acalmou um pouco, afasta-se e vai até Rosa).

BETO - Rosa, tu e a Ana, controlem as bocas por aqui, que eu já volto. (aproxime-se de Pedro) - Pedro, escuta bem: tu te acalma que eu vou descolá uma grana aí. Mas fica na tua, he mem. (Beto volta-se para sair e Maria interfere).

MARIA - Beto, onde é que tu vai? Fica aqui, Beto.

ROSA - (Para Beto, que nem liga a irmã) - O Beto, eu queria ajudá a quebrá o galho, mas não dá pé. Tô de boi, sacou?... Não dá pé.

BETO - Deixa prá lá ...

PADRE - (pegando o Beto pelo braço, tentando impedir sua saída) - Meu filho, não vá se meter em complicações. Fica aqui rapaz.

BETO - (esquivando-se violentamente do Padre) - Tira as mãos de padre. (ameaçador). (Beto sai).

PEDRO - (mais calmo, abatido, sendo abraçado pelas costas pela Maria)

Ela não tem caixão. Nem caixão ela tem.

ROSA - Vamos, vocês precisam ser fortes. (Maria chora).

ANA - E o choro não vai fazê a guria voltá. A luta continua.

PEDRO - Eu tô curtido com a morte, mulhar. (e ergue a face, tenta conter o pranto que quer dominá-lo).

Continua



- PEDRO - (Continua) - Que Deus me perdoe, se é que Ele existe; mas eu tô chorando, não pela guria. A gente tom que chorá é de raiva dessa nojeira de vida. Disse tudo. (e baixa a cabeça até os braços, na mesa, chorando. O Padre, desconconsolado, inútil, vai até a porta, ampara-se com ambas as mãos abertas (em cruz) e permanece olhando para fora, para os demais, como tentando/assimilar alguma inspiração. Os demais consolam agora Pedro; Maria, tendo se acalmado um pouco, vai até a "morta" que está solitária).
- MARIA - Minha filhinha, tão sozinha aqui. A mãe fica contigo. A mãe fica contigo.
(O Padre sai de sua posição, dirige-se até a Maria, colocando-lho a mão sobre o ombro. Nesse momento, entra Luísa, com uma folha de assinaturas e um maço de dinheiro) (Passa com desceço pelo padre e dirige-se aos demais).
- LUÍSA - Óia, nós, eu mais o mano João fizemo o que pudemo com a lista. Deu isso aí. Acho que já ajuda um pouco, não é? (Satisfeita, tira do bolso uma vela e entrega à Ana). Ah, e eu consegui mais uma vela.
(A vela é acesa e colocada na parte superior da cama. Ana, Rosa e Luísa contam o dinheiro. Luísa afasta-se e dirige-se a Pedro).
- LUÍSA - Seu Pedro, lá no cemitério já tá tudo acertado. O senhor pode ficar descansado. Ficou prá hora que o senhor quicé. É só chegá lá e enterrá.
- PEDRO abana a cabeça agradecido. Rosa e Ana terminam a contagem do dinheiro).
- ANA - Trinta e seis cruzeiros. Não dá prá nada.
- ROSA - E não dá mesmo.
- LUÍSA - (tendo uma idéia) - Escutem, e se a gente passasse na carpintaria do seu Jorge? Podia sê que ele quebrasse o galho; tem tanta tábua atirada lá e ele se dá com o seu Pedro.
- ANA - Nem que ele fizesse um bem simplzinho mesmo.
- ROSA - Mas a essa hora ele deve tá de bode lá no bar.
- LUÍSA - Não custa tentá. A gente passa por lá e arreata com o homem. O mano nos ajuda.
(Pedro, solícito, afasta-se de Maria e aproxima-se do grupo).
- PADRE - Isso mesmo. Eu posso ir junto. Quem é que vai?

Continua



ANA - (significativamente, recolhendo o dinheiro). Pode deixá que eu vou; chamo o mano da Luísa; nós nos damos bem com o seu Jorge.

(Ana sai, o Padre, sentindo-se mais inútil do que ofendido, volta até Maria. Pedro ergue-se e vai até a porta. Maria / deixa o Padre e vai até Pedro, a quem abraça pelos ombros, sem receber a mínima reação. Então, cansada, deprimida, senta-se à mesa. Olha ao redor, olha a Pedro).

MARIA - (monólogo) - Nove meses de sofrimento, trabalho dobrado, dor. Depois nasce a cria. E a gente lhe dá o que tem e o que não tem. E cresce junto, um amor grande, dentro do peito. E isso passa a ser a única alegria na vida da gente. E a minha guria, nesses cinco miseráveis anos de vida, nunca esmolou, nunca teve de sair por aí pedindo. Nem mesmo pão. Ela não ia sê como nós, ela ia até pro colégio (pausa). Eu me meto lavando roupa e fazendo arrumação na casa. De noite tô sem força. Mas eu digo, se fosse mais moça, se tivesse um corpo melhor, eu tinha feito uma viração por aí, sem vergonha nenhuma. Mais ela não ia esmolar (pausa - ergue-se). O Pedro, desde que arrumou aquela doença nos pulmões, nunca mais arrumou emprego. E quando arruma uns bico, os patrão só querem trabalho, produção e produção. Mas nunca perguntam se o operário tem força prá produzir com a comida que ganha. E quando não tem mais força, mandam embora, sem direito a nada.

(Maria torna-se a sentar, deprimida, à mesa, logo sendo consolada por Rosa).

PEDRO - (para o padre) E o senhor, fala com Deus, Padre?
(O padre nada responde).

PEDRO - (insistindo) O senhor me diga, Padre, tá certo tudo isso? De patrão mandando a gente embroa sem se interessá que a gente precisa comê, as criança morrendo de fome. E essa miséria toda por aí, que ninguém se preocupa? E o senhor fala com Deus. (O padre nada responde, apenas abaixa a cabeça).

LUÍSA - Pois olhem, eu sou analfabeta que nem os outros aí. Não sei nada, mas acho que tá certo não. Criança não devia morrer / assim (pausa); mas, também, prá que viver?

PEDRO - Esse mundo é grave—digo grande e dava prá todos vivê bem. Porque ninguém dá chance prá ninguém? Será que o mundo foi feito só pros rico?

continua



- ANA - E isso vai ser sempre assim. Nós daqui somos tudo um bando/
de cordeiro. A gente não faz nada. Só ficamos aqui sentado
esperando, esperando, e os outros só botando no da gente.
- ROSA - É isso mesmo. Nada se modifica.
- PADRE - Meus filhos, eu sei que vocês tem razão. Mas modificar o
quê? Como? A gente tem que passar por sacrifícios, mas não
podemos perder a fé. Deus já disse que um dia os últimos /
serão os primeiros.
- PEDRO - Deus não dá jeito em nada. Se a gente mesmo não se vira, /
ninguém faz nada.
- PADRE - A gente precisa de paciência, seu Pedro. Eu sei que numa /
hora dessas, palavras não adiantam muito, mas ...
- PEDRO - (sacudindo o padre pelos ombros) - Padre, eu não quero na-
da. Eu só quero um emprego. Será que Deus não me arranja-
ria um emprego, padre?
- PADRE - (desvencilhando-se de Pedro, sem encarar ninguém) Eu da-
qui a pouco tenho que ir ... Vocês me ajudam na reza?
(Rosa e Ana aproximam-se e acompanham-no na oração, em voz
baixa. Maria e Pedro permanecem à mesa).
- MARIA - Eu já rezei tanto ... (pausa) Será que vai dar certo o ne-
gócio do caixão?
- PEDRO - Se não der, a boneca eu não vendo.
(O Padre concluiu em voz baixa. Faz o sinal da cruz e pre-
para-se para sair).
- PADRE - Amanhã de manhã eu volto prá encomendar. Agora eu vou indo.
(O padre dirige-se à porta. Pedro ergue-se).
- PEDRO - Padre, eu vou lhe avisá que, se o senhor estiver esperando/
pagamento, eu não tenho nada. Só levá a minha camisa.
- PADRE - (Voltando-se lentamente) - Eu sei que o senhor não tem nada
seu Pedro. Eu sei disso. (pausa - tenta gesticular, expli-
car alguma coisa, mas desiste). Até amanhã. Que Deus os
abençõe.
(O padre sai, entra a Ana. Traz uma garrafa de aguardente/
e pacote).
- ANA - Olhe, seu Jorge disse que faz por oitenta conto, mas o res-
ta a gente pode ficá devendo. E o dono do boteco lhe man-
dou isso, seu Pedro. É cachaca e um pedaço de salame. Ele
disse que não é pro senhor levá a mal, mas que isso ajuda/
um pouco.

continua



- MARIA - Oitenta conto? Mas nós só temos o dinheiro da lista. Como é que nós vamos pagar depois?
- PEDRO - A gente dá um jeito Maria, depois a gente dá um jeito ...
(Entra Beto)
- BETO - (Tirando o dinheiro do bolso e entregando a Pedro) Toma aí, cara. Foi o que saquei.
- MARIA - Apreensiva) - Beto, por favor, de onde tu tirou esse dinheiro?
- BETO - Não é muito não, só cinquenta; já ajuda, não é?
- MARIA - De onde tu arrumou este dinheiro, Beto?
- BETO - Mas que chateação - arrumei o fim, pôxa.
- MARIA - EU QUERO SABER DAONDE TU ARRUMOU ESTE DINHEIRO.
- BETO - (Irritado) Escuta aqui: Vocês tão duro, não tão? Então, qual é o negócio de vocês? Qual é, hem? Tá aí um pouco de grana/ e fim.
- PEDRO - Tá certo, Beto; mas se tu vai se meter em complicação ...
- BETO - Tá bom, se vocês querem saber, eu não roubei, pronto. Peguei numa gata ali na esquina que se vira pro pai aqui. E ela / não reclamou quando soube prá que era a grana.
- MARIA - Dinheiro numa puta, dinheiro desses?
- BETO - É daí? E de onde é que tu queria que eu tirasse? Só roubando. Pedir sabe que não adianta; quem tem não dá prá ninguém . E assim ficou tudo em casa.
- PEDRO - Mas e esta mulher? ...
- BETO - Deixa prá lá ... Não é a primeira vez que eu pego grana dela. E ela que não me largasse prá vê.
- MARIA - Isso é pior que roubé ...
- BETO - Pôxa, se eu não gigoleio a mina, chego outro e cafeteia. Assim já que eu pequei a bruxa, não tem mal nenhum, às vez em quando ela me quebra uns galhos. Em compensação, quantas vezes já dormicom ela? Quantas? e do graça e não cobre nada.
(Maria abana a cabeça).
- PEDRO - Tá bom, Beto. Cada um., cada um . Depois a gente dá um jeito e te paga ... Depois a gente dá um jeito ...
- BETO - Corta esse de tá preocupado com conta, com o amanhã a gente dá um jeito. O mal do cara é tá sempre se preocupando com o amanhã. Deixa isso prá lá. Como é que tá o negócio com o seu Jorge?
- ANA - Acertei o troço. Oitenta prata. De manhã tá pronto.
- BETO - Menos mal. Mas tu já deu o dinheiro pro home?
- ANA - De trinta e seis já.

Continua



BETO - (fazendo circunferência com os dois dedos) - Aqui ele vai. Leva o resto. (E para Rosa) - Ele precisa comprá mais cachaça que esse aí não vai chegá, nú Rosa?

ROSA - Falou.

MARIA - Ana, quando é que fica pronto o caixão?

ANA - Da madrugada, Dona Maria. O seu Jorge ficou lá providenciando.

MARIA - E como ele vai sê? Vai se branco pro anjinho?

ANA - (desajeitada, encabulada) - Olha, Dona Maria ... a senhora / desculpe mais ... olhe, o seu Jorge disse que vai muita ma / deira que a guria é muito grande e ... o caixão ele fez por 8 / oitenta ... é sem pintá. Ele não tem tinta e, mesmo se tives / se, não secava ...

(Maria deixa-se cair pesadamente na cadeira. Não fala. Olha / o nada. Luísa adianta-se, abre a garrafa de cachaça, servin / do numa caneca de alumínio; com um canivete, Rosa corta o / salame em fatias e oferece aos demais que se servem. Pedro / toma um gole de cachaça. Enxuga os lábios na própria camisa e repentinamente, com raiva, bate com a caneca na mesa).

(Mesmo cenário - o dia está amanhecendo. o caixão roto, só / de tábua e sem pintura, com as velas acesas; estará atraves / sado sobre duas cadeiras, foi afastado mais para o lado; sob / bre a mesa, algumas garrafas de cachaça, faltando uma ainda / cheia. Na mesa, Pedro e Maria bebem na boca, como se fosse / fora da cena. Rosa e Beto conversam do lado de fora. O dia / está amanhecendo).

ROSA - Eles vão sentir falta da guria ...

BETO - É ... ela era tão boazinha. Não sei como isso pôde acontecê. Tanta gente por aí que podia de quebrá e, logo ela ...

ROSA - Ainda bem que parece que já tão se conformando um pouco.

BETO - É! Cachaça conforta qualquer um. O negócio é não deixar falta trago aqui por uns tempo ...

Mas a gente se conforta com tudo ... gente aqui, perde tudo o que é sentimento. E acaba, de tanta raiva, nem sentindo ma / is nada.

ROSA - Nem todos, Beto. E aqui também tem boa gente.

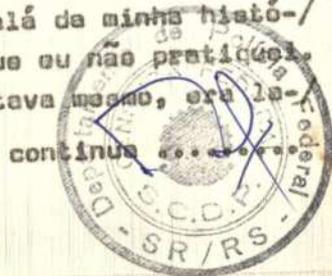
BETO - Isso eu sei. Todo mundo nasce bom. O mundo é que arreventa / com agente.

continua



- ROSA - Eles aí ... e eu também. A gente se preocupa contigo, nestas tuas trapalhadas.
- BETO - Vocês são boa gente. Mas não precisa se preocupar, porque eu mesmo não ligo pro troço.
- ROSA - Mas é que pode acabar mal. Numa dessas aí, tu entra bem.
- BETO - Olha, Rosa, pior que eu já passei, não existe. Apanhá todos/ os dias do pai bêbado e todas as noites vê a minha própria / mãe se virando. Tu sabe da história... a gente bem dizê, se criou junto. Todo mundo tá sabendo. E o que é que podia dá? Queriam que eu fosse doutor?
- ROSA - Mas a gente fica com medo que te acertem numa hora dessas.
- BETO - Se me acertam, melhor. Essa vida é uma FOLSA mesmo e só pode acabar ne merda.
- ROSA - Mas tu ainda é moço, home. Eu sô mulhê, tô perdida mesma. Mas tu podia trabalhá, consegui uma viração honesta. E sô honesto dá valor prum home.
- BETO - Valor prá que? Prá quem? Olha Rosa, não, o Zé Povinho, não te nos a mínima, sacou? Tu acha que alguém vai nos dá uma colher de chá? Sem querer nos explorar antes? Não vê como anda o troço por aí? Duria que se emprega, tem de dormir antes com/ o patrão. E a gente tem que se humilhá, que nem o Pedro e os outros aí se humilha. Eu não. O que eu pego, eu pago à força, senão não ganho. A gente tá numa pior, num miserê federal e não se tem onde cair digo sair. E todo mundo sabe disso, todo mundo aí, os grande aí, mas ninguém faz nada. Só papo.
- ROSA - Prá ti pode tá certo andá roubando por aí ... Mas é brabo . Prá quem te viu crescê ...
- BETO - Roubando não. Roubá de quem tem prá matá a fome não é roubá. E além do mais, quando eu morrê, o que iam dizê de mim?
- ROSA - Como assim?
- BETO - Se um dia eu levo um tiro ou morro mesmo de morte horrída / que nem a guria aí. Se eu não sou, iam apenas dizê: morreu / mais um marginal. Foi encontrado morto embaixo da ponte, numa maloca, sei lá. E marginal não é nada, morreu. Isso aí o mun do tá cheio. É merda.
- ROSA - Ah! Quer dizer que entra um pouco de orgulho no troço?
- BETO - Mas é claro que o cara tem que tê um pouco de amor próprio . Assim não, se me pegam, os jornais vão falá de minha histó- ria e dos meus crimes. Vão até inventá que eu não praticá. E os conhecidos vão dizê: é ... não prestava mesmo, era lá

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- BETO - drão, traficante, ...
 "Mas prá mim, não importa, morou? Prá mim interessa é que ou tô fazendo alguma coisa, que eu sou mais que um merda / dum marginal. Eu incomodo?"
- ROSA - E como! Mas o pior é que incomoda também a tua gente, com / preocupação.
- BETO - Olha, eu já falei que não dou pelotas pro troço e que nin-
 quém tem nada a vê com a minha vida. Tinham que se preocu-
 pã é quando eu era guri, quando tavam me criando. Agora é
 tarde. (pausa). Eu vi a minha mãe morrendo igual a cadela/
 louca e quase cuspi na cara dela. E meu pai, se eu o encon-
 trá ele vivo na rua, sou capaz de dá uma facada nele, só /
 prá me vingã. (pausa - irônico). Ainda bem que parece que
 a Maria aí, escapou, sendo criada em outro lugar. Se bem,
 que voltou às origens ... Mas se tivesse ficado aqui, que
 nem a gente ficou ... Agora eu vou te sê franco: eu sou eu.
 Não digo prá ninguém me imitã. E que às vezes dá vontade /
 do nêgo largã tudo, isso dá. Mas de que jeito? Depois que
 o cara entra, não sei mais. Acostuma com o troço.
- ROSA - Mas então, vê se numa hora dessas que te dá vontade de largã,
 larga mesmo, home.
- BETO - Hum ... Logo tu falando? Tu que não larga da vida?
- ROSA - Deixa prá lá ...
 (Neste momento o diálogo é interrompido - Pedro toma mais um gole).
- MARIA - Pãra de bebê, Pedro.
- PEDRO - E daí. Tu também bebeu ...
- MARIA - Mas eu sei me controlã. Eu te conheço ...
 (Pedro, mais bêbado, dá de ombros. Vai com a cachaça até
 Luísa e Ana e elas também bebem).
- MARIA - (Olhando o caixão) - daqui a pouco ela vai. A nossa gurio
 vai sê enterrada. Nôis nunca mais vamo vê ela.
- PEDRO - É, daqui a pouco ela vai.
- MARIA - Pelo menos não tá mais sofrendo. Eu já não aguentava mais
 vê ela o dia inteiro ardendo em febre. Chorando.
- PEDRO - É ... a coitada apurrinhou uma semana inteira.
- MARIA - Só se riu quando tu falou que ia buscar a boneca ...
 (Rosa se aproxima, atendendo Maria que estava se penalizando
 do novamente).

continua



- ROSA - Maria ... quem sabe se você tomava um pouco d'água...
(Maria acena com a cabeça, não aceitando)
- PEDRO - Desgraçado daquele médico lá no posto. Dizê que era uma gripe e que ele não podia baixá. Será que eles não viram que não / era mais gripe, e que também ela tava fraca, de não comê direi / to?
- ROSA - (Inalstindo) - Maria, veja-se agora te acalma. Quem sabe e / senhora se deita um pouco e pará de falar ... E agora não / adianta mais nada Ela pelo menos, não tá mais sofrendo.
- PEDRO - É não sofre mais ... (significativamente) - E também só assim escapou de virá puta, que nem as outras por aí, quando cres- / cesse.
- MARIA - Pedro, não fala assim. E a noiva guris não ia sê.
- PEDRO - Claro que ia. Daqui, quase nenhuma escapa.
(Rosa agastada, ufasta-se).
- MARIA - Eu sou daqui e não fui ...
- PEDRO - Tá certo, tá certo. Tu não foi ... mas certidão de casamento nós não temo ...
- MARIA - Isso foi relachamento. A gente já podia ter dado um jeito.
- PEDRO - É um dia a gente dá um jeito. A gente dá um jeito em tudo.
- MARIA - Eu não quero mais nada. Cancei.
- PEDRO - O que eu queria agora é tomar um porre daqueles, depois do enterro e quebrá túdo que se encontra pela frente.
- MARIA - Não sei o que ia adiantê ...
- PEDRO - Nada. Mas titaria o recarque. O que eu queria mesmo era sair / por aí e acabá com a reça de uns dois ou três. Isso sim. Depo / is também acabava com esse nojeira de minha vida.
- MARIA - COnversa de bêbado. E depois matá a quem? Se ninguém te fez / nada?
- PEDRO - Eu não sei Maria, mas se aguria daí, morta, se eu tã sem em- / prego e nós passemo fome, tem que ter algum culpado. Os patro / ãs que só pensam no seu dinheiro, essa gente aí que só mandam / foguete prá lua, se esquecendo da miséria aqui em baixo. Os / governos que não dão escola prá se estudá, não dão terra prá / se plantá, nem hospital prá gente se tratá. / Eu não sei / mas alguém tem culpa disso tudo.
- MARIA - Deus é quem sabe, Pedro. Eles só faz as coisas pro bem.
- PEDRO - Esse Deus que falam aí, não sabe, é dividido. Como é que uns / tem tanto e outros nada? Que Deus é esse que mata a criança / e só faz a gente passá fome?

continua



(Nisso entra o Padre, que escutou as últimas palavras de Pedro; aproxima-se do caixão, penalizado. Convida os demais / com um gesto, que todos se aproximem; Maria, Ana e Luísa, Rosa o atendem. Pedro e Beto permanecem à mesa bebendo).

PADRE - Seu Pedro, só falta encomendar ... Depois quando o senhor / quiser...

PEDRO - Eu não tenho pressa. Vocês queriam o caixão. Já tem, não? O que querem mais?

MARIA - Não faz assim, velho. É que está na hora ...

PADRE - Vamos esperar um pouco Dona Maria ... (Lembra-se de algo, / chama Maria a parte. Do bolso da batina entrega algumas notas à Maria).

E olhe, pegue isso. Não me elve a mal, mas creio que ajudará a vocês se manterem alguns dias a mais,

MARIA - Mas o que é isso Padre? De onde o senhor conseguiu?

PADRE - Olha, dona Maria; numa paróquia, as pessoas que precisam, dizem ser mais importantes que comprar cálices, velas e batinas novas para o vigário.

MARIA - O senhor tirou esse dinheiro das economias da paróquia?

PADRE - Deixe isso prá lá, dona Maria.

(Maria observa o Padre, perplexa. O Padre aproxima-se de Pedro tocando-lhe o ombro. Pedro se esquiva).

PADRE - (voltando-se para o caixão, acompanhado pelos demais, menos Pedro e Beto) - Seu Pedro e seu Beto. Ao menos fiquem em pé / em sinal de respeito. Eu vou iniciar a encomendação. (E para Rosa)

- Será que não vem mais ninguém?

ROSA - Acho que não ... Tá todo mundo com essa gripe aí ... E depois, morre tanta gente por aqui, que velório já nem mais é novidade. E o senhor sabe disso.

(Beto e Pedro, demoradamente, observados pelos demais, erguem-se e o Padre inicia.)

PADRE - Recebe Senhor, esta criança que chamaste para o vosso lado / em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e que a Virgem Maria se compadeça dela, cuidando que no céu este novo anjo tenha felicidade que lhe foi negada na terra. Dê a seu pai a força e a coragem para suportarem a sua ausência, preenchendo suas vidas com saúde e com o calor da vossa fé, que nos foi ensinado por vosso Filho, que também morreu por nós / diga como esta criança, para nos encher uma vez mais, dos Mistérios da vossa Criação. Mistérios esses que serão des-

.....



vendados, quando Vós, acompanhados de todos os justos, vierdes para o juízo final. Recebe-a, pois ela não tem pecado. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, Amém. (Maria soluça. É consolada por Rosa. As velas são apagadas. Luísa e Anna ajudam a fechar o caixão).

ANA - Acho que podemos fechar ...

PEDRO - (Voltando-se bruscamente) - Ninguém vai feichê coisa nanhuma.

(os outros olham estupefatos) - Onde é que tá a boneca, o que fizeram com ela? Eu avisei que era da guria.

PADRE - Ninguém fez nada com ela. Tenha calma, homem.

(Todos procuram, Pedro é o mais inquieto. De um canto ao outro canto).

PEDRO - Se algum desgraçado pegou a boneca, vai se arrependê.

(Luísa localiza a boneca e aproxima-se de Pedro que está de Joelhos, procurando em baixo da cama).

LUÍSA - Taqui seu Pedro, achei.

(Pedro pega a boneca, ergue-se e se aproxima do caixão, colocando a boneca ao lado da morta).

PEDRO - Pronto, minha fêlhinha ... taí a boneca. O pai tinha te prometido ela, não é? Leva ela junto e brinca bastante. E não empresta prá ninguém. Ela é só tua, viu? Leva ela e brinca/bastante.

(Os outros, comovidos, afastam-se do caixão, colocando a boneca ao lado da morta).

PEDRO - E eu quero um emprego, Padre.

MARIA - (saindo) Eu só quero ter forças para continuar lavando.

PADRE - Deus não tem culpa, seu Pedro.

PEDRO - E de quem é, então?

PADRE - Isso é difícil de se explicar, meu filho ... é complicado. Há toda uma estrutura que gera determinadas situações e ... Mas cada um tem um pouco de culpa nas coisas. Cada um é culpado por ignorância, ou por omissão, mas ...

PEDRO - E que as crianças tem que vê com isso?

PADRE - Nada, nada. Mas tua filha agora descanse.

PEDRO - E as que não morrem?

PADRE - Vivem o seu destino - Sofrem ...

PEDRO - Nem todas ...

PADRE - Deus é quem sabe. Ele é quem dirige os nossos caminhos, e Deus é quem o escolhe.

continua

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



PEDRO - O senhor não disse que Deus não tem culpa?

PADRE - (tentando ser decidido ao expressar-se) Porque os grandes são grandes demais e se transformam em deuses. Porque os homens são o que são. Porque as pessoas só acreditam no dinheiro, no poder de suas finanças. E porque seus espíritos apodrecem. E todos se esquecem que existem Pedros por aí, Marias por aí,... E os outros são pequenos demais para serem grandes. (E mais brandamente, como que pensando / em voz alta) E se até os pequenos deixarem de crer, quem / irá continuar?

PEDRO - Eu sou tão pequeno que nem tenho emprego. E minha filha / não tinha nem caixão.

PADRE - (refazendo-se). Você conseguiu o caixão. Haverá também de conseguir o emprego, meu filho.

PEDRO - Mas eu me sinto doente, Padre. Eu tinha que me tratá, comê melhor inda alguns tempos, se não, não vô pode. E eles quem produção. A gente tem que produzi prá eles no trabalho.

PADRE - Você aguentará, Pedro...

PEDRO - (encarando o Padre, qõe baixa os olhos) - Padre, diz bem / na minha cara, Padre. (O padre se esquiva, num gesto de impotência, desnulidade e aproxima-se da porta para sair)

PADRE - Você aguentará, Pedro ... (em voz baixa) até morrer uns / dias desses...

(o padre junta-se ao cortejo. Pedro, ao invés de segui-lo vai até a cama da filha, ajoelha-se, incontinentemente e inicia o sinal de cruz, que logo interrompe, erguendo-se).

PEDRO - Em nome do Pai do Filho e do Esp ... (ergue-se) - Mas eu não quero mais nada. Eu só quero um emprego, não quero mais nada. Só um emprego (depois, apressa-se em sair do palco em direção ao cortejo que o está esperando).

Hei, espere por mim. Minha filha. Eu vou junto enterrá a guria. Esperem.

Viram patroões, donos de lojas e de fábricas? o operário / vai enterrá a sua filha. E a boneca da loja grande vai / junto. A boneca vai com ela. Isso vocês não conseguiram tirar. A boneca vai junto.

(O padre vem até perto, tentando consolá-lo. Pedro se esquiva violentamente)

PEDRO - Me deixa, Padre.

E o cortejo segue.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

